

Banqueiros se mostram tranquilos

SÃO PAULO — A simplicidade da proposta para resolver a dívida pública de Mario Henrique Simonsen, muito mais calcada no aspecto psicológico do tema, provocou apoio incondicional de banqueiros e empresários. Muito mais que um endosso, os banqueiros acham que essa será a saída natural para o problema. "É essa a definição correta", afirmou o presidente da Federação das Associações de Bancos (Febraban), Leo Wallace Cochrane Junior. "O governo vai assumir com credibilidade e não tem por que começar sua gestão apresentando uma proposta de alongamento, não é preciso todo esse estardalhaço. Se começar com uma imposição, o dinheiro é nosso e o mercado não vai mais financiar o governo".

Estabilidade — O presidente do banco Itaú, segundo maior do país, José Carlos Moraes de Abreu, entende que o problema está sendo magnificado. "É realmente muito mais simples do que se imagina", afirma Moraes de Abreu. "Um novo governo vai estabilizar a economia e o próprio mercado irá se encarregar de alongar os prazos. Resolvido o problema da inflação, estará também o da dívida interna. E a partir daí quem ficar mais tempo com o título vai ganhar mais juros e assim por diante". Porém, no entender do presidente do Banco Bamerindus, José Eduardo Andrade Vieira, existe ainda a dúvida sobre quem será o novo presidente.

"Se for alguém que defenda o capitalismo e de reconhecida idoneidade, isso já estará resolvido", afirma Andrade Vieira. Trata-se, na verdade, de um caso similar ao de uma empresa que está prestes a entrar em concordata e seu conselho de administração escolhe uma nova diretoria. O diretor financeiro, então, aponta por onde começar o trabalho da nova administração (corte de despesas, melhor produtividade e mais agressividade de vendas) e trata de apresentar seu plano de saneamento financeiro aos credores.

Receita — Esse receituário é detalhado pelo presidente da Brasilpar Serviços Financeiros, Roberto Teixeira da Costa. "É a mesma coisa. Precisa-se emitir sinais claros de que os compromissos serão cumpridos e o plano de governo será eficiente". Teixeira da Costa lembra que o Brasil, além disso, precisa urgentemente ganhar uma moeda. "Hoje, o país só tem uma unidade de troca, portanto, a prioridade absoluta é a criação de uma moeda e não um título da dívida remunerado".

"Na verdade, não adianta o novo governo vir com um discurso sem apontar o seu produto final. Ou seja, é fundamental que tenhamos a certeza que os compromissos serão honrados", afirma, por sua vez, o presidente da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), Eduardo da Rocha Azevedo. "A dívida interna é um problema crucial para o Brasil, e a maneira de reciclá-la é não mexer nela. Dizer que a dívida será paga, é uma forma de se alongar o seu prazo por si mesmo". (N.H.)